

IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO USO DO PRESERVATIVO POR MULHERES HIV/AIDS

Jerusa Emília Roxo de Abreu¹

Lia Cardoso Aguiar²

Tânia Pavão Oliveira Rocha³

Rondineli Rocha da Luz⁴

Silvia Cristina Viana Silva Lima⁵

INTRODUÇÃO: No Período Colonial, segundo Del Priori (2002)¹, as relações de gênero eram marcadas pelo modelo escravagista de exportação e o Estado e a Igreja recomendavam à mulher que se casasse e constituísse família. As relações de gênero já eram evidenciadas desiguais na forma como as mulheres chegavam aos homens, ou seja, pelos caminhos da exploração ou da escravização. A relação de poder, implícita no escravagismo, era reproduzida nas relações mais íntimas entre marido e mulher. A existência do sexo feminino justificava-se basicamente pelo fato de a mulher ter que cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir o chefe da família com seu sexo, dando-lhe filhos². As desigualdades de gênero, então, constituem fatores estruturantes das vulnerabilidades à epidemia da Aids e a outras DST's no contexto socioeconômico, político e cultural, em que vivem as mulheres, contribuindo então, na disseminação da pandemia do HIV/aids em todas as nações e grupos sociais. Isto porque, gênero é um construto social e cultural que estabelece valores diferenciados para homem e mulher e as formas como eles (homens e mulheres) se relacionam na sociedade [...]. Este poder diferenciado entre os gêneros está articulado de forma complexa na vivência da sexualidade³. Ainda hoje, os dois gêneros são tratados de maneira desigual em termos políticos, culturais, afetivos e socioeconômicos. Estes eixos de desigualdades compreendem a não observância dos direitos fundamentais, com relações desiguais de poder no âmbito das famílias e da sociedade como um todo, colocando dessa maneira as mulheres em inúmeros riscos, sendo mais difícil para as mulheres modificar seus comportamentos e, uma vez alterados, manter estas mudanças nas interações cotidianas. Por outro lado, o fato de a Aids ser entendida como uma doença “dos outros” serve como justificativa para a mulher não se sentir vulnerável. Cabral (1999)² acrescenta que “indivíduos que não se sentem vulneráveis a uma doença não costumam aceitar as medidas preventivas recomendadas”. Um estudo sobre autopercepção de vulnerabilidades à AIDS com mulheres constatou que 64% consideram “impossível” ou “quase impossível” contrair a doença⁴. Assim, a dificuldade em perceber-se vulnerável à infecção pelo HIV geralmente advém da confiança no parceiro, na paixão e no amor. Tomados por estes sentimentos, a maioria das mulheres, ainda que informados sobre os meios de transmissão e prevenção da Aids, dispensam o uso do preservativo e se expõem ao risco de contrair o HIV⁵. Portanto, a presença cada vez mais marcante da mulher no quadro da epidemia da Aids revela a necessidade de melhor se explorar essa temática, pois trata-se de um segmento com especificidades distintas, podendo apresentar desvantagens no que se refere à prevenção, ao controle e ao tratamento da infecção. A descoberta tardia em relação a ser soropositiva, além de dificultar o prognóstico, pode levar à não prevenção, na medida em que a mulher infectada, sem conhecer seu estado sorológico, pode permanecer longos anos transmitindo o HIV e expondo a riscos outras pessoas. Nesse contexto, o diagnóstico da infecção torna-se essencial. **OBJETIVOS:** Identificar aspectos do comportamento de mulheres HIV/Aids quanto ao uso do preservativo na perspectiva de

¹ Enfermeira,UFMA/SEMUS, Doutoranda em Saúde Coletiva(UFMA)

. Email: jerusabreu17@gmail.com

² Enfermeira,SEMUS/EBSERH, Doutoranda em Saúde Coletiva(UFMA)

³ Enfermeira,UFMA/SEMUS Mestre em Ciências da Saúde(UFMA)

⁴ Bacharel em Direito,Docente, Especialista em Gestão,direito constitucional(UFMA)

⁵ Professora Doutora da Universidade Federal do Maranhão(UFMA)